TRAFICADA:

Diário de uma Escrava Sexual

SIBEL HODGE

Índice Analítico

Outras obras da autora

Traficada: Diário de uma Escrava Sexual
Chamo-me Elena e era um ser humano. Agora sou escrava sexual.
Se estiver a ler este diário, estou morta ou consegui fugir...

Traficada: Diário de uma Escrava Sexual é um romance curto realista, cativante, que leva às lágrimas, inspirado em testemunhas de vítimas reais e na pesquisa ao submundo do tráfico sexual. Foi classificado como um dos 40 Livros Mais Relevantes Sobre os Direitos Humanos pelos Institutos Acreditados *Online*.

Estima-se que todos os anos 800.000 pessoas são traficadas por fronteiras internacionais – 80% das quais são mulheres e raparigas. (Fonte: Departamento de Estado Norte-Americano, Relatório sobre o Tráfico de Pessoas: 2007)

Dia 1

Pela primeira vez desde criança que estou perdida. Não faço ideia de onde estou, embora não tenha viajado para longe, por isso devo estar ainda na Moldávia. Lembro-me de, aos quatro anos, me ter perdido num mercado movimentado. A minha mãe voltou-se para regatear uns vegetais com uma feirante e eu deambulei sozinha, seduzida por algo bonito e de cores vivas que vi à distância. Desapareci num mar de pernas e, quando me voltei novamente para procurá-la, não a consegui encontrar. Obviamente que comecei a gritar e a chamar por ela. Quando finalmente voltámos a juntar-nos, abracei-a com força e não queria largá-la nunca mais. Depois disso, segui-a por todo o lado durante semanas para que nunca mais acontecesse o mesmo.

Agora estou perdida e a minha mãe não me pode ajudar. Não há quaisquer choros ou gritos que me tirem daqui. Já tentei.

Estou ciente do que se passa. Já ouvi as histórias das aldeias próximas, mas nunca pensei que pudesse acontecer comigo. Nunca pensamos, não é?

Confiança. É uma pequena palavra que pode ter um efeito tão grande na nossa vida.

Confiei na minha melhor amiga quando esta me contou que o namorado nos podia arranjar um emprego num casino na Itália. Não tinha qualquer motivo para duvidar dela. Somos amigas desde que aprendemos a falar. Durante este tempo todo, nunca pensei que me traísse. Será que sou ingénua ou serei simplesmente parva? Tenho a sensação de que irei fazer esta pergunta muitas vezes durante os próximos dias.

Não há mais nada a fazer de momento senão sentar-me e pensar numa maneira de sair daqui. Mas, de algum modo, receio que seja impossível. Decidi manter este diário caso nunca mais saia. Está escondido na minha mochila, num espaço por baixo do forro, na base. Se eles o encontrarem estarei num grande sarilho. Talvez escrevê-lo me impeça de enlouquecer e, oxalá, a minha família acabe por saber o que me aconteceu.

Consigo ver a cara enrugada da minha mãe e o sorriso desdentado da minha filha Liliana. A Liliana tem quatro anos e é a minha vida. Preciso de sobreviver por ela, mas disseram-me que, se tentasse escapar, a matariam - a ela e à minha mãe. Vi o ódio gélido nos seus olhos enquanto me descreviam detalhadamente o que lhes faria, e sei que não hesitariam em cumprir as suas ameaças.

Devia explicar como me prenderam neste pequeno quarto algures a Moldávia, porque preciso que saibam que nada disto é culpa minha.

Tenho vinte e dois anos e vivo numa aldeia pobre. A maioria das pessoas vive de parcos recursos – talvez com menos de um dólar por dia. A Moldávia tem uma taxa muito elevada de desemprego e dizem que é um dos países mais pobres da Europa. Houve pessoas na nossa aldeia que venderam os rins no mercado negro só para conseguirem comprar comida. Conseguem ganhar cerca de $500 por um rim. Podem fazer as contas para verem a fortuna que é. Gostava de saber qual será o valor para uma escrava sexual.

Houve também quem tivesse vendido os filhos aos gangues de traficantes de escravos. Soube de uma senhora que perdeu o marido, tinha sete filhos e já não conseguia alimentá-los, por isso vendeu três das

filhas à mafia do sexo. Sempre tive curiosidade em saber o que aconteceu às suas filhas. Talvez estejam aqui, neste lugar, e eu as voltarei a ver.

Como pôde ela fazer isto às próprias filhas? As filhas estariam melhor mortas do que a sofrer as coisas que têm que aguentar. Se estiverem vivas, estão, com certeza, num inferno. Penso da cara inocente da Liliana, do modo como se aconchega a mim para que lhe conte uma história. Ela confia em mim. Como poderia eu colocá-la em perigo? Para salvar os meus outros filhos? Será essa razão suficiente?

Natália, a minha chamada melhor amiga, contou-me que o namorado Andrei tinha conhecimento de uns empregos num casino em Itália, onde os salários rondavam os €500 por mês. Por mês! Imaginem a fortuna! A Natália disse que o casino até nos pagava as passagens.

Tinha tudo planeado. A Liliana podia ficar com a minha mãe durante um mês, só até eu ter tudo organizado em Itália. Encontraria um pequeno apartamento com o meu salário e traria ambas para viverem comigo. Seria perfeito. Era uma oportunidade para sair deste país em direção a todo um mundo de oportunidades.

Foi uma despedida muito emotiva com a Liliana e a minha mãe. A Liliana agarrou-se às minhas pernas e não queria largá-las. Fartámo-nos todas de chorar. Prometi-lhes que mal encontrasse um apartamento, mandava buscá-las e ficaríamos novamente juntas. Não faltava muito, um mês no máximo.

Combinei encontrar-me com a Natália na paragem de autocarro, na cidade. Quem nos iria buscar era um amigo do Andrei, que nos levaria de carro até Itália. Mas quando me encontrei com a Natália, ela disse-me que havia um problema com o seu passaporte e que não podia ir até que tudo estivesse resolvido. Convenceu-me a ir sem ela.

‘Vou ter contigo mais ou menos daqui a uma semana’, disse-me. ‘Não te preocupes, o Andrei e o amigo tomam conta de ti’. Sorriu e deu-me um abraço.

E eu confiei nela.

O amigo do Andrei não me levou até à Itália. Ainda estou algures na Moldávia. Vendaram-me os olhos, prenderam-me com algemas e fizeram-me ameaças de morte no carro no caminho para aqui, com o meu raptor. Se eu não fizesse o que eles mandavam, disseram que fariam coisas horrendas à Liliana e à minha mãe antes de as matarem. Não posso colocar a vida delas em risco, por isso tenho de fazer o que eles me mandam.

Estou numa casa no campo, acho eu. Aqui não existe o barulho da cidade, apenas os pássaros a chilrear. Nunca pensei ter inveja dos pássaros, mas tenho. São livres de voar daqui. Imagino que sou um pardal ou uma coruja, lançando-me pelas janelas da liberdade. Mas existem grades nas janelas e os estores estão fechados, por isso não tenho como escapar. Tentei abrir a porta, mas está trancada à chave e presa com ferrolhos na parte de fora. Está escuro na minha cela e acho que estou aqui há umas oito horas, por isso já deve ser noite agora. Estou num quarto branco com cerca de dois metros quadrados e estou deitada, com as mãos e os pés acorrentados, num colchão velho que tresanda a urina e imundice. Há aqui um balde para ir à casa de banho. Mas não há papel e só de pensar que não me posso limpar, fico enojada.

Aqui também há outras raparigas. Consigo ouvi-las através das paredes a chorar e a gritar. Quero falar com elas, só para me sentir reconfortada em saber que estamos nisto juntas, mas não me atrevo. Se os meus raptores me ouvirem falar podem passar-se. Um pouco antes tinha ouvido uma porta escancarar-se ali perto e uma voz de homem a gritar com uma das raparigas para que se calasse. Ouvi estalos e murros e os gritos estridentes da rapariga atravessavam o meu cérebro, embora estivesse a tapar os ouvidos com força. Agora só a ouço a soluçar baixinho.

Sei o que aconteceu, porque também consegui ouvir.

Dia 2

Um dos meus raptores é uma mulher. É inacreditável pensar que uma mulher possa estar envolvida em algo assim. As mulheres são mães e protetoras. Como pode ela fazer isto a outra mulher sabendo o que nos irá acontecer? Isso, de algum modo, torna-a pior do qualquer homem. Será que viver na pobreza e a súbita probabilidade de fazer dinheiro torna as pessoas más, ou serão elas já más de natureza?

Supliquei por um rolo de papel higiénico e ela deu-me um. A partir deste momento dei conta que são as pequenas coisas da vida que tomava como garantidas que me farão sentir novamente como um ser humano. Um rolo de papel higiénico – um artigo de uso rotineiro, mas que fiquei tão feliz por ver.

É de manhã, penso eu. Ela destrancou a porta e deixou-me um prato de pão e peixe seco salgado. Deu-me também uma garrafa grande de água. A minha sede parece que surgiu do nada e esqueci-me que não comia ou bebia nada há vinte e quatro horas. Bebi metade da garrafa sem parar para respirar. Mas não consigo comer. O meu estômago dá voltas só de pensar no que aí vem.

Queria perguntar-lhe como é que consegue fazer-nos isto, mas não consigo antagonizá-la. É uma mulher de aspeto severo, com cerca de trinta e cinco anos. Tem cabelo bonito, está bem maquilhada e as roupas são caras. Ouço-a rir e a brincar com os raptores homens, como se tudo isto fosse perfeitamente normal. Suponho que no mundo dela seja.

Em vez disso, perguntei-lhe o que me iria acontecer e ela disse-me que sou agora propriedade de um gangue de escravatura. Brevemente irão levar-me, juntamente com as outras raparigas, pela Europa até Itália. Disse que têm o meu passaporte e que tenho que fazer o que eles dizem. Contou-me como tinham morto os familiares das outras raparigas quando estas lhes desobedeceram. Não quero escutá-la, mas tenho de fazê-lo. A mãe, com setenta e cinco anos, de uma das raparigas que tentou escapar foi pendurada numa árvore e enforcada. A filha de sete anos de outra das raparigas que tentou escapar foi torturada. Arrancaram-lhe todas as unhas e dentes com alicates antes de a apunhalarem cem vezes. E assim continuou sem parar, a contar-me horrores parecidos.

Engoli a bílis que teimava em sair e lutei para controlar as lágrimas. Não posso demonstrar fraqueza, pois irão tentar usá-la contra mim.

Quando saiu do quarto deu-me um sorriso forçado. ‘Bons sonhos’, disse ela, mesmo que fosse dia.

Enquanto bebia o resto da água, finalmente dei conta do que queria dizer. Sinto-me muito sonolenta e tenho que esconder o meu diário.

Acho que me drogaram.

Dia 4

Haverá dias em que não poderei escrever aqui. Ontem foi um desses dias. Acordei numa carrinha com mais seis raparigas. Havia dois homens na parte da frente da carrinha e o amigo do Andrei ia a conduzir. Reconheci a voz de um desses homens. Foi o que violou a rapariga que estava a chorar no quarto perto do meu. O Violador tem a cabeça rapada e um corpo grande e entroncado. Tem uns olhos azuis que parecem que nos trespassam e os dentes são tortos e manchados. O Segundo homem é mais alto e ainda mais entroncado do que o Violador. Tragava continuamente num cigarro e conversava com os amigos sobre futebol e jogos.

Ainda estava grogue quando chegámos à fronteira com a Roménia, mas forcei-me a manter-me acordada. Olhei para as raparigas à minha volta, que ainda estavam a dormir. Pensava que os guardas da fronteira suspeitariam que havia algo de errado e nos obrigariam a parar. Não achariam eles a carrinha suspeita? Não nos salvariam? Queria estar acordada para que, quando prendessem aquele gangue de homens, pudesse regressar a casa o mais rapidamente possível, para junto da minha mãe e da Liliana.

Enquanto parávamos junto à cabina de imigração, saiu de lá um guarda que falou com o amigo do Andrei pela janela do condutor. O Violador entregou uma série de passaportes ao guarda, que mal lhes deu uma vista de olhos antes de espreitar pelo pequeno vidro da parte traseira da carrinha onde eu estava sentada. Por um segundo, os meus olhos cruzaram-se com os seus e pude vislumbrar uma breve expressão de tristeza e pena cravada na sua cara. Nesse momento soube o que nos estava a acontecer. Olhei-o nos olhos, tentei expressar com os lábios as palavras “Ajude-me”. Depois virou-se rapidamente, fez sinal para a carrinha avançar e percebi que não tinha servido de nada. Não se pode transportar tantas raparigas por ano da Moldávia para outros países para serem escravas sexuais sem o conhecimento dos guardas de fronteira ou de pessoas com cargos importantes. Perguntava a mim própria como se sentiriam se fossem as suas filhas, irmãs ou mulheres. Será que sentiam a mesma coisa nessa altura?

Encostei a cabeça ao vidro, a olhar para a interminável estrada durante o que me pareceu durar meio dia. Algumas das outras raparigas tinham agora começado a acordar e foi a primeira vez que olhámos umas às outras nos olhos. Sei que o meu desespero e medo deve ter-se espelhado nos delas e conseguia sentir o odor do medo nos seus corpos. Queria perguntar-lhes quem eram. Em quem tinham confiado e que as tinham colocado nesta situação? Quais eram as suas histórias? Mas nenhuma de nós falou. Falar significava que isto era real.

O amigo do Andrei estacionou a carrinha à beira da estrada e deu-nos mais água com droga, forçando-nos a bebê-la. Eu não queria beber, mas que escolha tinha? Sabia que quando acordasse tudo estaria pior.

Pouco depois que o líquido entrou no meu sistema senti o sono a ameaçar tomar novamente conta de mim. Fechei os olhos e imaginei-me com a Liliana, com os meus braços em volta do seu corpo frágil e com os meus lábios sobre a sua cabeça. Quase conseguia cheirar o seu champô.

A sua cara foi a última coisa que vi antes de mergulhar na escuridão.

****

Quando voltei a acordar, parecia que estava presa numa espécie de caixa. Não me conseguia virar; o espaço era demasiado pequeno e escuro, como um caixão. Sentia a garganta seca, com comichão, e os meus músculos estavam tensos. Tentei engolir, mas não tinha humidade na boca. A minha cabeça latejava com a pior dor de cabeça que alguma vez tive e senti náuseas, com o estômago às voltas. Não comia há muito, por isso não tinha comida para vomitar. Em vez disso, senti o ácido da bílis na garganta. Chupei na língua para estimular a formação de saliva para poder engolir, e isto pareceu ajudar. Conseguia ouvir o zoar do tráfego a passar depressa, por vezes algumas buzinas, e os sons altos e baixos da estrada.

Adormeci e acordei inúmeras vezes durante esta viagem. Pensava sobre o que teria acontecido às outras raparigas. Teriam sido mortas? E eu, iria ser morta? As outras raparigas teriam tido sorte e conseguido escapar?

Não tinha qualquer noção do tempo, mas parecia que tinham passado dias até ter sido acordada com sacudidelas pelo Violador. Ele abriu a tampa do meu caixão, que estava escondido no chão de uma carrinha, e arrancou-me de lá por um braço. Todo o meu corpo estava tenso e demorei a tentar mexer-me. Tropeçava enquanto me arrastava da carrinha pela noite escura. Estávamos estacionados à porta de uma casa grande, numa área residencial.

Conseguia cheirar o seu mau hálito enquanto me pegava pelo braço e me puxava para os fundos da casa. O Violador abriu a porta traseira e empurrou-me para uma cozinha, onde um homem grande de barba, que estava a ver televisão, acenou e cumprimentou o Violador. As luzes queimaram-me os olhos no início, até estes se ajustarem à claridade, mas conseguia ver o homem barbudo a sorrir maliciosamente para mim.

‘Aqui tem a nova rapariga’, disse o Violador a uma mulher de vestido preto curto, saltos altos, batom vermelho e que estava a jogar às cartas com o homem barbudo. Era pouco mais velha que eu, talvez tivesse uns vinte e cinco anos. Tragou lentamente o seu cigarro e estudou-me cuidadosamente.

‘Muito bonita’. Apagou o cigarro num cinzeiro a abarrotar e caminhou na minha direção, enquanto o Violador ainda me agarrava pelo braço. ‘Sabes usar preservativos?’ perguntou, tão casualmente como quem fala do tempo.

Senti o estômago apertado só de imaginar o que estava para vir.

O Violador torceu-me o braço por trás das costas, puxando-o para cima. ‘Responde-lhe’.

Gemi e acenei à mulher.

‘Ainda bem’. Sorriu com satisfação e depois agarrou-me no queixo com ambas as mãos e virou-me a cara para ambos os lados, para me ver melhor. ‘É uma descoberta excelente. Os homens irão adorá-la’, disse ela ao Violador.

‘Não quero dormir com nenhum homem’, sussurrei. ‘Por favor! Faço qualquer outra coisa que quiser. Posso cozinhar ou limpar ou –’

O Violador puxou-me o braço novamente com tanta força que pensei que o meu ombro ia sair do lugar. ‘Fazes como dissermos. Agora somos teus donos. Penso que é altura de te dar uma lição’.

Arrastou-me da cozinha pelo cabelo e por uma sala onde havia várias mulheres praticamente nuas. A única coisa que notei enquanto olhavam para mim a cambalear por elas foi que os seus olhos pareciam mortos.

Gritei enquanto me puxava pela escada em direção à parte de cima da casa. Empurrou uma porta com um cadeado no exterior que dava entrada para um quarto. Deu-me um murro no estômago e dobrei-me enquanto o ar desvanecia dos meus pulmões.

Ele deu uma gargalhada e eu conseguia cheirar o seu mau-hálito no ar. Bateu-me com a cabeça na perna da cama de ferro e caí no chão, a lutar para respirar. Depois tudo aconteceu tão depressa que me é difícil lembrar qual foi a ordem dos acontecimentos.

Puxou-me o cabelo, bateu-me, deu-me pontapés, deu-me murros, beliscou-me. Tentei levar as mãos à cabeça para me proteger encolhendo-me como uma bola, mas ele veio para cima de mim. Ele agarrou-me

pelos braços e segurou-os por cima da minha cabeça com uma mão enquanto me rasgava a saia e as cuecas com a outra. Depois abriu-me as pernas à força com o joelho e entrou em mim.

Na minha cabeça gritava 'Não, não, não!' uma e outra vez, mas nada me saía da boca. Cerrei os olhos com força e tentei pensar noutra coisa, mas as dores por todo o lado não me deixavam concentrar.

'És uma grande puta e vais fazer o que te mandar', gritou-me ele ao ouvido.

Conseguia ouvir-me a chorar, mas parecia algo vindo de longe, como se estivesse desligada do meu próprio corpo.

Depois de um empurrão final levantou o corpo pesado de cima do meu e apertou as calças. Finalmente concretizei o meu desejo e enrolei-me em posição fetal no chão para tentar parar a dor. Já não conseguia conter as lágrimas. Corriam-me pela cara, fazendo arder os arranhões, mas já não me importava se ele visse a minha fraqueza.

Dando-me um pontapé nas costas, debruçou-se sobre mim e riu-se. 'Percebes agora?' perguntou ele. 'Se não quiseres que isto aconteça à tua filha, vais fazer tudo o que te dissermos'. Depois cuspiu-me na cara, saiu do quarto e trancou a porta.

Esta é a minha vida agora.

Dia 7

Nestes últimos dias não tenho conseguido escrever nada. Dói-me tudo, até as mãos. Tenho chorado tanto que acho que já não me resta água no corpo.

Nunca acreditei em Deus, mas dou comigo a rezar. Não sei bem a quem, mas sinto que tenho que fazê-lo. Se Deus existe, como pode Ele deixar que isto aconteça? Não acredito que haja qualquer ser superior que me possa ajudar agora. As minhas preces não são dirigidas a nenhum tipo de Deus, são mensagens silenciosas para me manter forte.

Só penso na Liliana e na minha mãe. Quem me dera poder falar com elas e dizer-lhes que sinto tantas saudades que me dói o coração. Quero ouvir as suas vozes e abraçá-las. Quero acordar deste pesadelo e sentir-me segura nos seus braços.

Também penso no meu pai e no meu marido, Stefan. Morreram há anos e, pela primeira vez, fico contente. Ficariam destroçados com o que me aconteceu.

Por um lado tive uma infância feliz, porque o meu pai era um homem habilidoso. Se algo se avariasse, geralmente era a ele que recorriam para arranjar. Parecia ter um dom natural para compreender como tudo funcionava e as pessoas das aldeias dos arredores chamavam-no sempre para arranjar tudo. Por causa disto, vivíamos melhor do que muitos dos nossos vizinhos e, quando morreu, deixou umas poupanças à minha mãe. As coisas continuavam a não serem fáceis para nós, mas ajudou até o dinheiro se esgotar e eu necessitava desesperadamente de arranjar emprego.

O meu pai ensinou-me inglês quando era pequena. Não sei onde conseguiu arranjar os livros, mas, de um modo ou de outro, conseguia sempre o que queria – era um homem com muitos recursos. Ele sabia que a única maneira de eu ter uma vida melhor era aprendendo inglês para procurar novas oportunidades noutro país. Ele queria que eu fizesse algo especial com a minha vida – era o seu sonho ver isso acontecer.

E talvez tivesse acontecido se ele e o Stefan não tivessem ambos morrido num acidente de automóvel no dia em que descobri estar grávida da Liliana.

Não consigo mudar o passado e, agora, também não tenho qualquer controlo sobre o futuro. É irónico que tenha finalmente conseguido mudar de país, mas não será para ficar melhor.

Dia 8

A mulher de batom vermelho que conheci tem sido amável para mim. Chama-se Angelina e gere este bordel. É namorada do líder do gangue italiano que me comprou. Tomei conhecimento de que estou em Milão, mas duvido que alguma veja alguma coisa desta cidade. Tenho estado trancada no quarto desde que cheguei. Depois de ter visto as outras raparigas de olhos mortiços no átrio, penso que o facto de me manterem aqui é outra forma de castigo.

Deitada na cama de casal, cheia de dores, tive tempo para estudar cada detalhe do meu quarto. Não tenho mais nada que fazer para manter a mente ativa do que escrever no meu diário.

O meu quarto é limpo e claro, pintado num amarelo pálido, com cortinados cremes ligeiramente desfiados nas pontas e têm uma nódoa esbatida em cima. Tenho uma sanita pequena, um lavatório e um chuveiro num wc dentro do quarto, pelo qual me sinto grata. De certo modo faz com que isto se pareça um pouco menos com uma cela. Quando se entra na casa de banho, o segundo azulejo do chão tem uma lasca em forma de estrela. O teto tem uma teia de aranha já velha no canto extremo, que balança com a briza. Consigo espreitar pela janela e, através das barras, vejo o céu azul limpo, o sol a brilhar e os telhados das casas. Consigo ouvir os sons de uma cidade movimentada a ecoar à minha volta – as pessoas a viverem a vida como se tudo no mundo fosse normal.

A Angelina traz-me água e comida, algo muito básico e insonso: pão, massa, cereais, pepinos. Anseio pelas bolachas doces que comia ao pequeno-almoço e pelo delicioso guisado de carne da minha mãe. Quase consigo cheirá-lo enquanto penso sobre o que está a acontecer em casa.

Todas as noites o Violador vem ter comigo e toma-me à força. Diz que é boa prática para mim. Está a tentar dominar-me e fazer de mim uma escrava consentida. Já não me quer bater mais porque quer que eu fique bonita, mas disse-me que o faria se tivesse que ser. Quando as minhas nódoas negras desaparecerem, querem que durma com os homens que aqui vierem. Das 10 da noite às 10 da manhã, todas as noites, tenho que fazer o que estes homens querem. Se me portar bem e não causar problemas, garantiu-me que não aconteceria nada à Liliana nem à minha mãe.

A Angelina acha que eu deveria estar grata pelo namorado dela me ter comprado. Disse-me que havia sítios muito piores para uma rapariga acabar e descreveu bordéis degradados e saunas sujas na cidade, onde compram raparigas.

‘São piores do que aqui’, disse ela. ‘São locais imundos, onde os homens costumam estar bêbedos e cheirar mal. Vão depois do dia de trabalho na fábrica ou no campo e nem se importam em tomar banho antes. Pelo menos aqui os homens são limpos e têm mais maneiras’. Acenou a mão em volta do quarto. ‘Este é um dos melhores bordéis de Milão. E quando não estás a trabalhar, podes usar a sala de estar e a cozinha. Não podes é sair da casa. Aqui existem sempre guardas. Se fores boa, podes ficar. Se não...’ encolheu os ombros, como se a escolha fosse apenas minha, ‘vais parar aos outros lugares’.

Talvez eu deva ficar agradecida por estar aqui e não num daqueles locais que ela descreveu, mas não consigo encontrar essa emoção dentro de mim.

Deu-me *lingerie* de renda, fios dentais, *boxers* de renda ou cetim, soutiens, tangas com abertura no meio, meias com ligas. Quando os homens vêm escolher as raparigas, só posso estar de *lingerie*.

Nem quero olhar para estas peças! Não as quero no meu corpo! Não quero isto!

Dia 9

Nunca odiei ninguém na vida, mas odeio a Natália e odeio o Violador. Odeio o modo como me toma à força. Odeio a dor que causa dentro de mim. Odeio os seus olhos azuis gélidos e o seu mau hálito. Odeio o sexo.

Os meus hematomas estão agora a desaparecer e podem ser disfarçados com maquilhagem. A Angelina disse-me que esta noite eu tenho que trabalhar. Disse que me pode dar drogas para relaxar. Não sei se isso é bom ou mau. Parte de mim quer perder a consciência, ficar sem saber o que está realmente a acontecer ao meu corpo, mas acho que quando nos controlam com drogas, nunca se consegue fugir, mesmo que se queira.

Penteou o meu cabelo negro até à cintura até ficar sedoso e disse-me como o devia usar. Mostrou-me como me maquilhar para ficar “sexy”. Escolheu que *lingerie* devia vestir.

Tenho um nó no estômago. Não consigo comer nada enquanto o dia passa. Só consigo pensar no que me vai acontecer. O que esperam estes homens? Quantos serão? Vão transmitir-me alguma doença? Vai doer muito? Vão-me bater? Como conseguirei passar por isto sem enlouquecer?

A minha mente será violada juntamente com o meu corpo. Já não sou eu, sou apenas um esqueleto da mulher que fui.

Mas tenho que fazer isto pela Liliana e pela minha mãe. Tenho de fazer o meu papel. Vou-me transformar numa atriz digna de vencer um Óscar, porque um dia vou sair daqui. Não sei quanto tempo irá demorar, mas não me posso permitir acreditar que nunca conseguirei escapar porque, se o fizer, o melhor é matar-me já.

Podia facilmente fazê-lo. Podia partir o espelho do toucador e cortar os pulsos ou a garganta. Podia pegar numa faca da cozinha e fazê-lo. Podia juntar as drogas todas que me dão e tomá-las todas de uma vez. Já pensei nisso! Claro que já pensei! Mas, e se eles se vingarem na minha família? Não posso ser responsável por isso.

Por isso preciso de acreditar que existe esperança para mim, mesmo que seja só um vislumbre no meio de toda esta dor. Sem esperança não consigo sobreviver a isto.

Dia 10

Eu era um ser humano, mas agora sou uma escrava sexual. Nunca mais ficarei limpa. Não interessa quantas vezes me esfrego e volto a esfregar, a tentar arrancar a pele, ficarei sempre com a sujidade deles entranhada. Na minha pele, por baixo das unhas, dentro de mim e cravada na alma.

A noite passada, as raparigas de olhar mortiço esperavam pelos homens na área de estar. Quando os homens chegavam, escolhiam que escrava queriam e as raparigas conduziam-nos para os quartos em silêncio.

Quando eu era criança, vi uma vaca a ser coberta e os seus gritos ensurdecedores ainda hoje me assombram. Estava presa numa apertada cerca de metal para não se mexer e eles trouxerem o touro para ter sexo com ela. Os olhos da vaca reviravam-se e fazia um barulho desesperado, como se quisesse escapar.

O sexo com estes homens é igual. Estou presa e à mercê deles. Não podia chorar como a vaca, por isso fiquei em silêncio, mas fechei os olhos e divaguei para outro lugar. Queria gritar, “Não!” mas sabia que não podia. Por detrás das pálpebras imaginei a Liliana, segura com a minha mãe, a brincar com o seu peluche preferido, um cão chamado Ivan. O Ivan está caído e gasto dos anos de uso. Já não tem um olho e a orelha direita está meia a cair, a precisar de uns pontos.

A Liliana falou comigo. Disse-me que estava bem, segura e que era amada. Disse que tem saudades minhas e quer que regresse a casa e, quando disse isto, uma lágrima silenciosa correu-me pela face. Os homens não notaram. Estavam em cima, por trás, por baixo, dentro de mim, mas não me conseguiam ver verdadeiramente. Sou uma coisa, um brinquedo, um objeto. Uma escrava que está lá apenas para eles darem asas às suas fantasias.

No meu sonho acordado com a Liliana, ela estava a dar-se bem na leitura. A minha mãe tinha-a ensinado a ler um livro novo. A Liliana é inteligente e aprende depressa. Devora histórias e espero que um dia seja médica ou advogada. Tinha um pouco de açúcar em volta da boca, por comer demasiadas bolachas daquelas que a minha mãe adora fazer.

Dez homens fizeram sexo comigo ontem à noite. Parte de mim sente emoções demasiado fortes e outra parte sente que morreu. Estou de luto pela parte de mim que nunca mais irá regressar. Sinto-me envergonhada, culpada, enojada. Sinto ódio e raiva, mas não o posso demonstrar. Tinha que fingir que gostava, mas sentia-me enojada. Fisicamente nauseada até ao meu âmago. E há uma parte de mim que se sente dormente porque não quer pensar no que me aconteceu. No que me *está* a acontecer. Parece que me transformei num fantasma preso num corpo de vinte e dois anos e a ver o mundo de dentro para fora, mas ninguém me consegue ver.

E, quando penso no Stefan, sei que quando fazíamos amor era real. Era gentil e altruísta. Tento não pensar nisso porque sinto demasiadas saudades dele e sei que nunca mais serei normal. Nunca pensarei num amante do mesmo modo que o fazia com o Stefan. As minhas cicatrizes não são visíveis, mas irão torturar-me para sempre.

Porque é que isto me aconteceu a mim? Às outras raparigas? Não há ninguém que saiba o que se passa no mundo? Porque não mandam alguém para nos ajudar?

Arrependo-me por tudo de mal que fiz na vida, mas nunca acreditarei que isto é culpa minha. Nunca pedi isto, só queria dar uma vida melhor à minha família.

Agora, quando me vejo ao espelho, também tenho olhos mortiços.

Dia 15

Não tenho escrito muito porque não quero descrever as coisas que me obrigam a fazer. Podem imaginar todas as depravações que existem e multiplicá-las por cem, depois irão compreender.

Tento reconfortar-me durante o dia. As raparigas podem sair dos quartos e podemos ver televisão e preparar a nossa comida quando não estamos a trabalhar. Não como muito e consigo ver as minhas costelas e ossos das ancas a romperem-me a pele. Tenho a cara encovada e o meu cabelo está baço e sem vida. De vez em quando penso em matar-me. Talvez estivesse melhor morta. Mas depois penso na Liliana e sei que nunca poderei fazê-lo.

A maioria das raparigas não fala sobre de onde vem ou sobre quem era antes de serem roubadas.

Não confio em ninguém agora. Como saberei se não iriam contar tudo o que lhes contei à Angelina ou ao Violador?

Mas dou-me com uma rapariga chamada Sasha, da Rússia. Nunca falo sobre a minha situação, mas passamos tempo no quarto uma da outra e ela contou-me que foi raptada da sua pequena aldeia há três anos. Estava a viver com a mãe quando dois homens, a altas horas da noite, bateram com força na porta. A mãe estava a trabalhar no turno da noite numa fábrica de frangos, por isso não estava lá para tentar protegê-la. Quando Sasha abriu a porta, os homens puseram-na inconsciente e, quando acordou, estava num apartamento algures. Ficou lá durante uma semana enquanto os homens e os amigos faziam turnos para violá-la. Venderam-na a um traficante de Inglaterra e foi forçada a trabalhar nas ruas ou em casas de massagem. Recentemente foi vendida a uma sauna, onde estava trancada no quarto durante vinte e quatro horas. Os homens que vinham fazer sexo com ela todas as noites costumavam estar bêbedos e batiam-lhe. A sauna cobrava £50 por cliente, mas ela nunca recebia pagamento nenhum. Tentou contar a alguns dos homens o que lhe aconteceu para que estes tivessem pena dela e a tirassem dali. Nenhum deles o fez. Não queriam saber o que lhe tinha acontecido. Quando ela se recusava a fazer coisas aos homens, o proprietário do bordel espancava-a. Metade do cabelo foi-lhe arrancado e tinha os dedos das mãos e dos pés partidos onde ele os pisava. Também lhe partiu uma costela, que ainda não tinha curado bem e que fica espetada num ângulo esquisito. Às vezes tem dificuldades em respirar. Enquanto ela me descrevia isto, eu conseguia mesmo ouvir o ranger os ossos nas suas palavras. Tirou a peruca que usa e mostrou-me como o cabelo ainda não lhe tinha nascido devidamente.

Depois do espancamento foi vendida ao namorado da Angelina e veio para aqui. Foi vendida oito vezes nos últimos três anos, mas disse-me que este é o bordel mais agradável onde esteve presa.

Devo sentir-me reconfortada com isto? É estranho, mas parte de mim sente-se assim. Existem lugares piores onde podia ter terminado.

Contou-me sobre outra rapariga que conheceu em Inglaterra, que também era da Moldávia. Ela conseguiu escapar e foi até à Embaixada da Moldávia, que tratou de tudo para voltar para casa, mas, quando chegou, descobriu que estava grávida. O gangue que a tinha traficado originalmente, conseguiu encontrá-la, violou-a e espancou-a e ela perdeu o bebé. Mataram-lhe o cão como castigo extra e ameaçaram matar-lhe a família se escapasse novamente. Foi então traficada novamente para Inglaterra. Algumas das raparigas que a Sasha conhecia desapareceram de um momento para o outro e ela acha que foram assassinadas.

Sasha queria contar-me mais, mas eu interrompi-a. Já tinha ouvido tudo o que conseguia num único dia. Quero saber porque pode ajudar a salvar-me. Quero saber o que faz com que as pessoas nos façam isto. Quero saber como é que estas coisas ainda acontecem no século XXI. Quero saber se algum dia vou encontrar uma forma de fugir.

Dia 20

A noite passada veio cá a polícia. Passava da meia-noite e eu estava à espera na área de estar para ser escolhida por mais outro homem. A Sasha também lá estava, mais outras seis raparigas.

Quando vi dois polícias fardados a entrar, com as armas no coldre, pensava que era uma rusga à casa. Pela primeira vez em semanas tive verdadeira esperança. Iriam tirar-me daqui e enviar-me novamente para a Moldávia. Em breve iria abraçar a Liliana com tanta força que nunca mais a iria largar. Estes homens estavam aqui para nos salvar!

Talvez me tivesse enganado quanto a Deus. Será que ele ouviu as minhas preces a pedir ajuda?

Fiquei ofegante de tão empolgada que estava e tive de me segurar à mesa para não perder a força nas pernas e não cair de alívio.

'Oh, obrigada', saiu-me da boca antes de dar conta que estava a falar. As minhas mãos voaram para as minhas faces enquanto sorria e esperava que eles nos tirassem dali. 'Obrigada por nos ajudar', disse ao polícia.

Sasha abanou a cabeça para mim, dando-me um aviso silencioso de que aqueles homens não estavam lá para nos salvar.

O polícia mais velho do grupo olhou para mim, ligeiramente divertido, e pude ver pela sua expressão que não estavam ali para nos ajudar.

De repente, quase não conseguia respirar. O meu coração batia errático, forte e descompassadamente. Uma dor agonizante apertou-me o peito e desmaiei.

Quando acordei estava no quarto. O polícia mais velho estava a penetrar-me com força, a sufocar-me com o seu hálito a café. Depois foi a vez do outro polícia me penetrar. E, quando terminaram, o Violador veio ensinar-me uma lição.

Dia 23

Estou a arder. Parece que o meu corpo está constantemente a queimar e, no entanto, estou fria como o gelo. Estou na cama há três dias sem me conseguir mexer. Às vezes vejo a Liliana à beira da cama. Está a dar-me umas flores apanhadas à mão.

‘As melhoras, Mamã’, diz ela.

Tento alcançá-la, mas está demasiado longe. Depois deixo-me novamente vaguear no vazio.

Dia 25

Esteve aqui um médico. Não sei que tipo de médico é. Pensava que os médicos fizessem votos para curar os pacientes. Como pode ele saber que eu estou aqui e deixar-me com esta gente?

Disse que tenho uma infeção urinária e renal grave e deu-me um antibiótico forte. Sinto-me dorida no interior da vagina e sei que algo também não está bem aqui.

Examinou-me no interior e encolhi-me ao seu toque. Mais um homem não desejado sobre a minha pele.

‘Você tem rasgões por dentro’, disse ele. ‘Curam-se em poucos dias’.

Então e o meu coração? Também se vai curar? Queria perguntar-lhe.

Sinto-me como se estivesse a morrer – a queimar de dentro para fora. Não consigo sair da cama, estou demasiado fraca, por isso o doutor inseriu um cateter dentro de mim.

Não sei quanto mais conseguirei aguentar.

A Angelina trouxe-me canja e pão. Disse-me que vão perder dinheiro porque não vou poder trabalhar durante uns tempos e que o namorado não está contente comigo.

‘Se tentares uma coisa destas mais alguma vez, vamos vender-te para um sítio muito pior’, disse ela.

Eu queria chorar e gritar e berrar e dizer-lhe que não fui eu! Foste tu, foi o teu namorado, foi o Violador, foram os polícias. Foram eles que se portaram mal e não eu. Isto não foi culpa minha.

Claro que não lhe posso dizer isso. Limitei-me a acenar para que ela soubesse que compreendi.

Quando saiu fantasiei sobre conseguir escapar. Talvez haja uma possibilidade de os polícias me ajudarem, afinal de contas. Eles é que ainda não sabem.

Dia 26

A Sasha faz-me companhia. Penteia-me o cabelo e canta para mim. Faz-me lembrar quando fazia totós e rabos-de-cavalo à Liliana, enquanto inventava canções tontas para a manter sossegada até conseguir terminar.

Já estou forte o suficiente para sair da cama por curtos períodos de tempo, mas não quero. A Sasha senta-se na minha cama e joga às cartas comigo, mesmo não querendo eu falar com ninguém. Prefiro tapar a cabeça com os lençóis num casulo escuro e chorar, mas a Sasha não aceita um não como resposta.

Acho que ela sabe o que estou a pensar. Mordeu o lábio inferior à espera que eu falasse. Não lhe disse nada. Gostava de poder dizer que confio nela, mas como saberei de certeza? Não posso contar o meu plano a ninguém.

Preciso de saber o que aconteceu às raparigas que ela conheceu nos últimos três anos. Quero perguntar-lhe diretamente se alguma conseguiu escapar para sempre. Alguma conseguiu alcançar a liberdade de forma permanente, ou foram sempre arrastadas de volta a esta vida pelos seus chulos e traficantes? Se lhe perguntar isso, saberá com certeza o que estou a pensar. Então, em vez disso, pedi-lhe que falasse comigo enquanto ficava deitada com os olhos fechados. A sua voz era reconfortante e não demorou muito para que me contasse sobre a sua vida na Rússia.

Tal como eu, a Sasha pensa sobre o que se passa em casa dela. Disse que a mãe deve pensar que ela está morta e, às vezes, não consegue sequer pensar nisso.

Sei como ela se sente. A Liliana e a minha mãe devem estar loucas de preocupação porque não tiveram notícias minhas. Prometi que as avisava quando chegasse bem a Itália. Por esta altura já devia estar a tratar de tudo para as chamar para virem viver comigo. Gostava de saber se a Natália lhes contou o que realmente me aconteceu. Sobre o que ela fez.

A Sasha ia ser *chef*. Era a melhor aluna do seu curso de culinária. Contou-me sobre todos os pratos que criou e quase me deu fome para prová-los. Quase!

À medida que a tarde se desenrolava, contou-me sobre outra rapariga que tinha ouvido dizer que escapou. Fiquei com as orelhas em pé, mas mantive os olhos fechados e não dei quaisquer indícios. Esta rapariga era da Roménia e trabalhava num bordel em Espanha. Um dia, a polícia fez uma rusga ao hotel e a rapariga foi presa com as outras e levada sob custódia. A rapariga não contou à polícia o que lhe tinha acontecido por causa das ameaças do chulo, que lhe disse que mataria a sua família se ela revelasse o que realmente estava a acontecer. Soou-me familiar. A Sasha disse que o polícia até deixou que o chulo a visitasse na prisão, onde lhe repetiu as ameaças. A rapariga não se sentia segura o suficiente para explicar às autoridades que tinha sido traficada e, quando a imigração espanhola a devolveu à Roménia, o chulo voltou a encontrá-la.

Talvez eu deva pôr a esperança de lado.

Dia 27

Tenho boas notícias! Consegui ver uma rapariga nova que chegou ontem. É da Moldávia e vivia na aldeia junto à minha. Chama-se Christina e andámos juntas na escola. Quero perguntar-lhe se tem notícias da minha mãe e da Liliana, mas está trancada no quarto. Lembro-me bem. Sei o que lhe aconteceu para a obrigarem a obedecer.

Queria arrombar-lhe a porta e abraçá-la e dizer-lhe que tudo vai correr bem, mas isso faria de mim uma mentirosa. Estou desapontada comigo própria, pois sinto-me feliz que ela aqui esteja, por puro egoísmo. Em que tipo de pessoa me estarei a tornar?

Estou tão entusiasmada para falar com ela que me mexo inquieta na cama e não consigo ficar parada. Mas tenho de esperar até que a deixem sair.

Por favor, faz com que a minha família esteja bem!

Dia 30

O médico esteve novamente cá. A minha infeção urinária está curada e disse que estou bem para voltar a trabalhar amanhã. Como é que ele sabe? Como é que alguma de nós estará bem para trabalhar? Será que ele não sabe que não é apenas o lado físico, mas também o mental?

Isto foram só as primeiras más notícias que recebi hoje.

Quando o médico saiu fui até ao quarto da Christina. Agora já tem a porta destrancada, mas está num estado lastimável. Não consegue falar porque o Violador quase a estrangulou até à morte. Tem hematomas em volta do pescoço e só consegue dar gemidos assustados e baixos, como um animal ferido. Sinto a sua dor.

O médico deve ganhar uma fortuna nesta casa.

Sentei-me na cama a seu lado, passando-lhe a mão pelo cabelo, o que parecia acalmá-la. Tenho a sensação de que ela me quer contar algo importante. Talvez este lugar fique mais suportável se tiver outra pessoa aqui proveniente do mesmo local que nós. Sei que é assim que funciona comigo.

Sinto tanta raiva. Está a fervilhar sob a superfície e a ameaçar explodir. Raiva por mim, pela Christina, pela Sasha e por todas as outras raparigas. Raiva contra todos os que estão envolvidos nisto.

Fiquei com ela durante uma hora até que a Angelina me mandou preparar para receber os homens. E, claro, não disse nada. Não explodi. Não gritei, nem me passei, nem chorei. Fiz o que me mandaram, porque assim tem de ser.

Dia 32

Os dias e noites são iguais. Se não tivesse o diário não saberia que dia era, já que todos se misturam no mesmo pesadelo. Quero mesmo morrer, mas cada vez que penso nisso vejo a cara da minha bebé.

A Liliana mantém-me viva.

Estou ansiosa por receber notícias dela e da minha mãe, mas a Christina ainda não consegue falar. Parte de mim sente-se zangada com a Christina por isso e depois sou assolada por uma culpa horrível que me contorce o estômago. Não é culpa dela não conseguir contar-me o que quero saber.

Dia 34

A minha mãe morreu e a Liliana foi enviada para um orfanato.

Quem me dera não saber. Como eu gostava que a Christina ainda não conseguisse falar. Mal consigo ver as páginas do meu diário com tantas lágrimas.

A Christina disse que a minha mãe tinha sofrido um ataque cardíaco cerca de uma semana depois de eu me ter ido embora. A Liliana ficou com um vizinho até as autoridades chegarem e a terem levado sabe Deus para onde.

Foram-se embora e nunca cheguei a dizer adeus.

Estou há horas sentada no chão do quarto, abraçada a mim própria para conforto. Tenho os olhos inchados e vermelhos e a Angelina não vai ficar contente quando me vir neste estado.

A minha mãe esteve sempre presente para me reconfortar ao longo da vida. Não tínhamos muito dinheiro, é verdade, mas nunca me faltou amor e carinho. Ela era a minha rocha. Disse-me que eu era especial, que podia fazer tudo o que quisesse na vida.

Parte de mim detesta-a porque se tinha enganado e parte de mim odeia-a por me ter deixado. É uma ideia estúpida. Ridícula, eu sei! Como posso odiar a minha mãe?

Costumava desabafar com ela. Costumava contar-lhe tudo. Não sei se conseguirei fazer o mesmo com outra pessoa. Não creio que consiga. Todos os meus sonhos e esperanças desapareceram com ela.

E a Liliana...

Estará segura? Estão a tratá-la mal no orfanato? Estará a passar fome? Estará quentinha ou a tremer de frio? Será que tem roupas limpas? O Ivan estará com ela? Estará magoada? Será raptada? Vendida?

Tenho de encontrá-la.

Imagino-a sentada numa cama suja, num dormitório enorme e horrível com outras crianças que não falam. Está a olhar para o chão com os seus enormes olhos escuros, a chuchar no dedo e a perguntar-se para onde foram a mamã e a vovó. A perguntar-se porque é que a abandonaram.

Oh, Liliana, eu estou aqui. Amo-te mais do que a própria vida, minha querida.

O meu coração parece que foi arrancado do corpo, pisado um milhão de vezes e depois voltaram a colocá-lo no lugar para que eu continuasse a sofrer. O meu estômago está a arder com chamas incontroláveis de fúria. A injustiça deste mundo enoja-me. Não é justo. O que fiz eu para merecer isto?

Sinto-me vazia por dentro. Uma solidão horrível e escura está a esmagar-me por dentro.

Liliana.

Como posso ir buscar a minha bebé se estou aqui?

Tenho uma ideia que não me sai da cabeça desde que os polícias estiveram cá. Não sei se o conseguirei fazer. Não sei se irá funcionar, mas tenho que tentar. Tenho que encontrar a Liliana.

Dia 35

Sinto-me como se estivesse num poço escuro, a esgravatar para tentar sair. Dor, dor, dor na minha alma, que não se vai embora.

Mal consigo esperar pela chegada dos polícias, pois são a minha única esperança. Será que vêm esta noite? Nunca pensei que iria querer tanto que um dos homens me viesse visitar.

Os minutos do dia passam até se transformarem numa hora. Não sei como, mas consigo chegar à hora seguinte e depois à outra. Na esperança. A aguardar pela minha oportunidade.

Não tenho energia e só como porque, quando chegar a hora, tenho que estar pronta. A comida não tem sabor. É abrasiva e tudo o que consigo fazer é engolir sem me engasgar.

Parte de mim também morreu.

Dia 37

Cometi um erro muito grande e não consigo mudá-lo. Agora a minha situação é muito pior.

A noite passada, quando a polícia veio, agi de boa vontade, obediente. Queria que um deles me escolhesse. Por dentro contraía-me enquanto punha os braços em volta deles e os namoriscava como se os quisesse.

Namoriscava! Para mim, essa palavra significa que sou livre de fazer o que quero.

Um dos polícias mais novos, que nunca tinha visto, não me conseguiu resistir. Foi fácil levá-lo para o quarto. Eu estava a fazer jogo. *Sexy*, provocadora. Mas perto, no canto do meu quarto, estava a minha mala, pronta e à espera.

Despi-o lentamente enquanto ele lambia os lábios a antecipar o que estava para vir.

Desabotoei-lhe a camisa e atirei-a para a cadeira que estava perto.

Foi fácil desapertar-lhe o cinto com a arma e algemas e pendurá-lo sobre uma cadeira próxima.

Por uma vez, era eu que mandava.

Ele deixou-me algemar os braços ao poste de metal da cama enquanto lhe despia as calças, insinuando o que estava para vir – algo pervertido.

Durante este tempo todo andei a pensar como conseguir chegar até à Liliana.

Sabia que não tinha muito tempo. Tinha que aproveitar bem.

Tapei-lhe os olhos com um cachecol preto e disse-lhe que tinha uma surpresa para ele. Que ele tinha que ser paciente e esperar mais uns minutos. E enquanto lhe pegava na pistola e me escondia na casa de banho, vestia rapidamente umas calças de ganga, uma T-shirt e uns sapatos rasos.

Saí sorrateiramente do meu quarto e tranquei a porta pelo lado de fora. O corredor estava livre e eu percorri-o e desci as escadas, empunhando a arma.

Sabia que o Violador estaria na cozinha a jogar às cartas com os outros guardas. Tinha que tentar passar pela área de estar até à porta principal antes que dessem conta do que estava a acontecer. Rezei para conseguir fugir.

Enquanto passava à pressa pela área de estar, estavam lá duas raparigas a conversar. Olharam para cima, surpreendidas, quando passei por elas a correr, segurei no manípulo da porta e rodei-o.

A porta abriu.

Nunca um som me deu tanta felicidade.

Caí no escuro da noite, a correr tão depressa quanto as minhas pernas conseguiam antes que se dessem conta do que acontecera.

A noite escura passava por mim enquanto me aventurava pelas ruas desconhecidas. Eram cerca das cinco da manhã. Não sabia para onde ia, apenas que tinha que fugir o mais longe possível.

Estava constantemente à espera de sentir uma mão a agarrar-me o ombro e a puxar-me para trás, por isso nem me atrevia a olhar para trás nem a abrandar.

Passei a correr por bares, lojas, casas e apartamentos até me doer o peito e já não conseguir respirar. Passei por homens na rua que voltavam a cara e ficavam a olhar para mim, mas eu não parava. E se fossem amigos daquela gente?

Encontrei uma viela por detrás de um edifício e agachei-me nas sombras escuras. Limpei as impressões digitais da arma com a minha T-shirt e atirei-a para trás de uma pilha de lixo putrefeito. O meu plano era esperar ali até recuperar o fôlego, para depois tentar encontrar a Embaixada da Moldávia. Ía para casa.

Quando a minha respiração começou a ficar mais lenta, dei conta do que tinha acontecido e comecei a tremer descontroladamente.

A minha T-shirt estava ensopada em suor e as minhas calças de ganga coladas às pernas. Tinha perdido um dos sapatos enquanto corria e só então dei conta do sangue que escorria dos cortes que tinha na sola do pé.

Tinha escapado, mas o que fariam eles agora? Tentariam encontrar-me? Como me encontrariam nesta cidade enorme? Tentariam encontrar a Liliana? Certamente que não a iriam conseguir roubar do orfanato. Haveria adultos sempre presentes para supervisionar as crianças.

Não sabia como encontrar a Embaixada ou o Consulado. Não tinha dinheiro para o autocarro. Será que um estranho me poderia ajudar?

Respirei bem fundo, tragando por oxigénio para me acalmar, e caminhei hesitantemente de volta para a rua, olhando para cima e para baixo. Precisava de encontrar uma mulher ou um casal que me ajudasse. Mais à frente havia um bar. Talvez houvesse lá alguém.

Ninguém no bar falava inglês. Olhavam-me de modo estranho e encolhiam os ombros. Deviam achar-me desgrenhada e estranha.

Continuei rua acima até chegar a uma pequena loja. Havia uma mulher a abri-la e a empilhar jornais cá fora.

Até que enfim alguém que talvez me possa ajudar.

Tentei explicar que queria ir até à Embaixada, mas ela não compreendia o que eu estava a dizer.

Enquanto cambaleava pela rua, um taxista chamou-me.

'Não tenho dinheiro', chorei. 'Mas preciso ir até à Embaixada da Moldávia. Pode ajudar-me?' Supliquei.

Não queria entrar num carro com este homem, mas que mais poderia fazer?

'Não há dinheiro, não há táxi', disse ele, voltando a ler o jornal.

'Então pode indicar-me o caminho?', choraminguei.

Muito relutante, pousou o jornal. 'Não existe Embaixada', disse ele, 'só um Consulado'. Deu-me as indicações e disse-me que não era longe.

Agarrei no peito com força e despachei-me a descer a rua.

O sol estava a nascer quando vi o edifício do Consulado à minha frente e, pela primeira vez desde que fugi, permiti que um grande sorriso me atravessasse a cara. Pensei que ainda não estivesse aberto, mas planeei em esperar nalgum sítio perto de onde me pudesse esconder até que abrisse.

Na minha cabeça já estava a brincar novamente com a minha filha. Estava a fazer-lhe cócegas nos pés enquanto ela se ria descontroladamente. Estava a ler-lhe uma história antes de dormir e a aconchegar-lhe a roupa da cama. Andava de mãos dadas com ela pelo mercado.

Estava tão embrenhada a sonhar acordada que não ouvi um carro a parar lentamente atrás de mim. Não ouvi os passos nem vi a sombra no pavimento a aproximar-se... até ser tarde demais. O Violador agarrou-me e arrastou-me, a dar pontapés e a gritar, para dentro do carro.

Arrisquei-me a fugir e não deu certo. Aquela decisão irá assombrar-me para sempre.

Dia 38

O Violador gostava de me espancar antes de me violar, mas desta vez não me tocou na cara. Vão vender-me a outros e querem que esteja bonita. Mas isso não o impediu de me pontapear, esmurrar e de me esbofetear em todos as outras partes do corpo. Quando finalmente saiu de dentro de mim, disse, ‘Queres a tua filha viva ou morta? Atreve-te outra vez, que lhe corto o pescoço’. Depois olhou de soslaio para mim, enquanto mostrava os dentes sujos. ‘Acho que também a vou violar antes de a matar’.

Sou uma arruaceira, disseram eles. Não precisam dos problemas. A Angelina disse-me depois que tinham pensado em matar-me, mas que valho mais viva. Por agora. Parecia estar a gostar de me dizer que a Liliana estava agora a viver com a Natália. Disse que os orfanatos são pobres e que, se puderem ver-se livres de uma criança, é o que farão.

Antes de sair, a Angelina trancou-me no quarto e, como castigo, tirou-me algumas coisas que fui colecionando enquanto aqui estive. Não me importa que tenha levado as minhas revistas ou as cartas de jogar que a Sasha me deu. Só consigo pensar na Liliana com a Natália. O que é que a Natália lhe anda a contar sobre mim? Disse à Liliana que já não gosto dela? Que já não a quero? Será que vai vender a minha querida bebé aos traficantes? Será que a vai alimentar e mantê-la aconchegada? Penso sobre o que o Violador me disse. Será que ele irá cumprir as ameaças contra a Liliana? Não suporto todos os pensamentos e receios que gritam na minha cabeça. Eu aguento a tortura exterior, mas a tortura interior é muito, mas muito pior.

Quero matá-los a todos. Tenho fantasias sobre como fazê-lo. Dar-lhe um tiro seria bom demais. Quero magoá-los e causar-lhes agonia. Uma faca, talvez, ou uma barra de ferro – algo que os faça sofrer da forma como me fazem sofrer a mim e às outras raparigas.

Mas não há nada que possa fazer.

O ano passado, a Liliana queria que lhe comprasse um relógio. Viu o meu e ficou obcecada com ele, como só uma criança consegue ficar. “Porque é que tu o usas?”; “Para que é que serve?”; “As horas são iguais em todo o mundo?”; “Quem é que decide as horas?” Fazia-me perguntas de forma ininterrupta até que a deixei usá-lo.

Os relógios são inúteis aqui. Não preciso de relógio para ficar sentada à espera e ver os segundos a passar, dando a sensação de que passou uma vida inteira. Não preciso de um relógio para saber que agora me vai levar um tempo infinito a ganhar a confiança dos meus novos proprietários. E, sem a confiança deles, nem me atrevo a sonhar em regressar para a Liliana. Eles irão estar de olho em todos os meus passos.

Por isso porto-me bem e vou fazê-los pensar que sou a melhor escrava sexual que já tiveram. E um dia terei outra oportunidade. Tenho que acreditar nisso, senão enlouqueço.

Dia 40

Estou a tentar lembrar-me da última coisa que comprei. Comida? Lã para a minha mãe nos tricotar camisolas de inverno? Um gancho de plástico para a Liliana? Leite? Não me lembro.

A última coisa que o Paul Robb comprou fui eu.

Ele é o meu novo proprietário e a Angelina disse que me vem buscar hoje. Vou para uma das suas saunas ou bordéis em Inglaterra.

É estranho para mim admiti-lo, mas vou sentir saudades disto. Pelo menos aqui os homens usam preservativos e eu tenho a minha própria casa de banho. A casa é agradável e está limpa e eu consigo ver o sol a brilhar pelas janelas, mesmo que nunca o sinta na cara.

Penso nas histórias que a Sasha e as outras raparigas me contaram e receio de como será a minha nova prisão.

Tenho a sensação de que será pior. Muito pior.

Dia 45

Quando o Stefan me dizia que eu era linda, sentia-me a florescer por dentro. Fazia-o muito. Apanhava-o a olhar para mim com um sorriso orgulhoso na cara em vários momentos do dia. Todas as noites, nos braços um do outro e antes de adormecermos, ele dizia-me que eu era a rapariga mais linda do mundo.

Quando o Paul olha para mim e me diz que sou linda, dá-me arrepios. Ele não está a dizer isto a uma amante ou à mulher. Está a olhar para mim como se fosse um objeto. Algo que lhe trará dinheiro.

Tentei meter conversa com o meu novo dono durante a viagem de carro de Itália para Inglaterra fingindo ser simpática e faladora, mas ele mandava-me calar. No silêncio ensurdecedor conseguia ouvir a minha vida a fugir.

Só sei três coisas sobre as minhas novas circunstâncias: 1) Agora tenho um passaporte inglês falso – vi-o quando ele o entregou aos guardas nas fronteiras; 2) Ele não mata a Liliana se eu fizer o que ele manda; 3) Ele não é melhor do que o Violador.

Demorei três dias a chegar à Inglaterra. À medida que acelerávamos pelas aldeias e cidades, pensava em quantas outras mulheres como eu andavam aí. Quantos mais quilómetros fazíamos, maior era a pressão no meu peito, como se estivessem a arrancar-me a vida.

Ele já demonstrou a autoridade que tem sobre mim, com sexo duro e ameaças durante as duas noites que ficámos em motéis durante a viagem. Mas quero que ele confie em mim, por isso finjo que estou entusiasmada, mesmo querendo espancá-lo até que lhe expludam os miolos. Tornei-me numa experiente estudante de representação e usarei bem esta minha capacidade.

A minha nova cela é um apartamento que é uma casa de massagens algures em Londres. Esta não é a imagem que tinha na cabeça sobre a cidade, quando o meu pai me disse que era um ótimo sítio para começar uma vida nova. Fica numa rua suja e movimentada e acho que os homens aqui serão piores do que os outros. Lá fora está um sinal pendurado que faz publicidade à *Casa de Massagem de P*, para que todos saibam. Todas as pessoas que por lá passam de carro ou a pé podem vê-lo, mas ninguém faz nada. São raparigas traficadas por baixo do nariz de toda a gente, mas somos invisíveis.

O meu quarto tem um tapete rosa felpudo e papel de parede rosa com os cantos desfiados. Cheira mal devido aos anos de negligência e falta de limpeza. A cama dupla está afundada e gasta e faz barulho ao mais pequeno movimento. Não existem grades na janela, mas estou no quarto andar e provavelmente morreria se saltasse. Talvez isso até fosse uma coisa boa.

Não tenho casa de banho na cela. Há uma casa de banho comum que as raparigas têm de usar, com bolor nas extremidades e torneiras a pingar que deixaram nódoas castanho-esverdeadas na superfície branca. Há um espelho partido na parede e o meu reflexo descreve-me na perfeição.

Partida.

Dia 49

Analisei-me ao espelho e dei conta que já perdi mais peso. Os ossos das minhas ancas e costelas sobressaem mais, os meus olhos estão encovados no meu crânio e o meu estômago está côncavo. Dão-nos comida em pequenas quantidades e, se quisermos mais, temos que pedir. Nunca pedi! Não quero comer e não quero dar-lhes essa satisfação.

Nenhuma rapariga aqui fala sobre si própria. Sentimo-nos todas nervosas com medo de dizermos algo e que chegue ao ouvido dos nossos raptores. Pode haver uma que esteja disposta a contar tudo o que dissermos em troca de uma promessa de ser melhor tratada.

Os dias e noites continuam iguais. Os homens vêm – bêbedos, sujos, malcheirosos. Às vezes são violentos e são expulsos, mas nada de mal lhes acontece. São porcos imundos, mas eu sou a puta perfeita.

O Paul está contente comigo. Disse que se eu me portar bem posso visitar os homens ricos a quem arranja raparigas. Qualquer coisa é melhor do que os homens aqui.

A Liliana ocupa-me todos os pensamentos e está sempre comigo nos meus sonhos. É a única coisa que me faz aguentar isto.

Mesmo antes de ser traficada tinha-lhe feito um telefone de brincar. Não tínhamos dinheiro para comprar um telefone verdadeiro, por isso atei dois copos de plástico às pontas de um longo cordel. Ela ia para um quarto e punha o copo ao ouvido para ver se me conseguia ouvir falar, depois obrigava-me a fazer o mesmo.

Na minha cabeça passo a vida a falar com ela, na esperança de que, de algum modo, me ouça telepaticamente. A Liliana está à mercê da Natália, do Andrei, do Violador, do Paul e de muitos outros que ainda nem conheci. A vida dela estava nas minhas mãos. Agora está apenas nas deles.

Dia 53

Ontem deixaram-me sair à rua. Não para ir às compras, conhecer a cidade ou visitar uma amiga, como a maioria das pessoas toma como garantido, mas para visitar um cliente rico.

O Paul tem um apartamento caro em Londres para os clientes ricos e conduziu-me até lá no seu carro brilhante e luxuoso. Chama a isto o "Clube dos Milionários".

Disse-me que o homem me tinha marcado para a noite inteira. Amanhã tenho que ligar ao Paul e ele vai-me lá buscar.

O apartamento parecia saído de uma revista – moderno com janelas grandes e decoração minimalista. Era imaculado, de cromado brilhante e vidro, e esta zona de Londres parece cara e bem cuidada. É o completo oposto da casa de massagens. Fica no quinto piso do edifício e conseguia ver o enorme rio lá em baixo. Por um momento indaguei como seria atravessar o vidro e mergulhar na água. Para o nada.

Tinha comigo a minha mala com as minhas roupas "sexy" lá dentro. O Paul disse-me que tinha que estar linda para este homem, por isso penteei o cabelo até ficar brilhante como o ébano e não se notar que me está a cair às mãos cheias. Maquilhei-me para esconder as olheiras e a pele pálida. A minha pele cheirava a baunilha do perfume que o Paul me deu para usar, para que este homem não cheirasse o bolor da casa de banho onde tomo banho. Pela maneira como o Paul falava, sabia que este homem era um cliente importante e tinha que fazer um esforço especial.

Esta era a primeira vez que saía sozinha desde que fui traficada e o Paul deixou bem claro o que aconteceria à Liliana se eu fizesse algo estúpido.

Quando o Paul saiu, fui até uma das casas de banho para me preparar para este homem. Disseram-me que ele gosta de ser amarrado e chicoteado. Depois gosta de fingir uma fantasia de violação.

Chegou vestido com um fato caro. Tem cabelo castanho claro e olhos azuis claros. Tem cerca de quarenta e oito anos. Não perdeu tempo a dar-me ordens para fazer isto e aquilo: Que o despisse quando eu própria já estivesse nua, apenas com botas de cabedal pelo joelho. Que o amarrasse à cama pelas pernas e braços. Que o chicoteasse ligeiramente e lhe gritasse obscenidades. Depois, quando estava pronto, ordenou-me que o desatasse.

Depois era a minha vez de ser chicoteada. Só que ele gostava de fazê-lo com mais força. Não o suficiente para me rasgar a pele, só que agora tenho marcas doridas e vermelhas no local. Gostava de algemar os meus pulsos e tornozelos à cama e estrangular-me enquanto me violava. E foi assim a noite inteira. Uma e outra vez.

Hoje não consigo falar. Tenho hematomas em volta da garganta e marcas no corpo. Às 8 da manhã o homem vestiu-se e, enquanto arranjava os botões de punho, olhou para mim. Não me viu realmente, para ele sou apenas uma coisa.

'Gosto de ti', disse ele, acenando em aprovação. 'O Paul fez uma boa escolha. Vejo-te por esta altura para a próxima semana'. Deu-me uma gorjeta de cem libras.

É óbvio que posso ficar com ela, mas vou entregá-la ao Paul para que saiba que pode confiar em mim. O Paul ficou muito contente comigo. Demonstrou-me a sua satisfação arrancando-me as roupas mal entrei no meu quarto, na casa de massagens. Tinha um sorriso enorme e feio na cara quando viu os hematomas e marcas na minha pele branca.

‘Sim, querida. Ele gosta de ti. Vais trazer-me uma fortuna’, disse o Paul antes de me atirar para a cama e me violar.

Cerrei os olhos com força e rezei pelo fim deste pesadelo.

Dia 54

Ontem foi a minha iniciação ao “Clube dos Milionários”. O Paul disse-me que o Estrangulador ficou tão contente comigo que me ia usar regularmente no apartamento para os outros homens ricos. Esta noite o Paul vai levar-me novamente para aquele local e eu vou passar horas a pôr-me bonita para eles.

Dia 56

Todas as noites tenho o mesmo pesadelo. Estou presa num caixão, enterrada viva. Consigo mesmo cheirar a turfa no chão e sentir a terra fria a penetrar-me nos ossos, por isso estou a tremer. Tenho insetos a rastejar na pele. Baratas e aranhas. Depois vêm os ratos, que me roem a pele.

Quando bato na tampa de madeira, a tentar dizer a alguém que estou presa, ouço a minha mãe chamar-me.

‘Elena, onde estás?’, grita.

E, apesar de estar mesmo por baixo dela, a uns metros de profundidade, não me consegue ouvir.

As minhas unhas arranham as paredes laterais do caixão e dou-lhe pontapés, mas não consigo sair.

Depois de acordar com suores frios, sinto uma comichão incontrolável na pele e não consigo voltar a adormecer.

Dia 57

Tenho um novo cliente que não quis ter sexo comigo. Não sei se isto é algum tipo de teste de lealdade que o Paul arranjou para saber se pode confiar em mim ou se é outra coisa.

O homem chama-se Jamie. Foi o meu primeiro cliente esta noite na casa de massagens e notei que estava nervoso. Quase não me olhava nos olhos. Faz-me lembrar um pouco o Stefan. Não fisicamente, mas pela forma como se comporta. Parece que tem algo de gentil.

Perguntei-lhe o que queria e ele pareceu não me compreender.

'O que quer que eu lhe faça?' perguntei.

Enrugou ligeiramente as sobrancelhas, como se o estivesse a tentar enganar. 'Olhe...hã...Nunca fiz nada disto. Só quero falar', respondeu.

'Falar?' Repeti. Pensava que tivesse percebido mal porque isto nunca tinha acontecido.

'Sim. E quero abraçar-te', disse ele.

Então deitamo-nos na cama e ele abraçou-me, peito contra peito, com queixo pousado no cimo da minha cabeça. Contou-me como a mulher tinha falecido há um ano devido a uma hemorragia cerebral repentina. Tem sido duro para ele, conseguir aguentar-se sem ela. Tem saudades de abraçá-la à noite e eu sei como se sente, porque me faz recordar novamente o Stefan. Diz que se tem sentido só e que necessita de receber carinho de alguém.

Então eu acariciei-lhe gentilmente as costas e deixei que me falasse sobre ela, tentando dar-lhe todo o conforto que podia. Isto é muito melhor do que ser violada.

Dia 59

Agora passo muito tempo no apartamento do Clube dos Milionários do Paul.

Um dos homens gosta de estar com duas raparigas ao mesmo tempo. Outro quer que me vista de menina do colégio. Há outro gosta que eu use um determinado perfume. E ainda outro que gosta de me chicotear.

A maioria dos homens ricos trata-me melhor do que os homens da casa de massagens e sinto-me grata por isso. A única exceção é o Estrangulador.

Dia 65

O Jamie veio ver-me novamente. Desta vez pagou por três horas do meu tempo, mas ainda não quis sexo. Foi igual à outra vez, deitados na cama e abraçados enquanto ele falava da mulher.

Fez-me recordar o Stefan quando me contou que eram namorados de infância. Depois seguiram caminhos diferentes na universidade, perderam contacto, mas encontraram-se por acaso uns anos depois e casaram com vinte e cinco anos. Embora não tivessem filhos, estavam a tentar ter um bebé nos últimos quatro anos. Num dia estava lá, no outro tinha desaparecido. A vida dela desaparecera como uma baforada de fumo. Consigo rever-me aqui.

Descobri que tem trinta e cinco anos e que tem um gato chamado Bigodes.

Pela primeira vez um homem perguntou-me porque é que tenho este trabalho. Tenho a sensação que ele acha que isto é escolha minha. Será que as pessoas pensam que todas as prostitutas entram nesta vida porque são ninfomaníacas? Porque é a sua carreira de eleição? Será que pensam realmente que as mulheres e raparigas aspiram a ser uma puta escrava sexual como aspiram ser uma estrela pop? Quem me dera que o mundo acordasse.

Estava morta por contar-lhe a verdade, mas não me atrevi. E se fosse uma armadilha? Então mudei de assunto para que falasse novamente nele enquanto os minutos da noite passavam.

Dia 82

A minha vida continua a arrastar-se, mas agora há uma certa rotina. Cinco dias por semana sou usada pelo "Clube dos Milionários" e três vezes por semana o Jamie vem visitar-me.

O Jamie lê-me o jornal, histórias ou poemas. Gosto mais dos poemas – há neles algo de mágico. Hoje vi uma fotografia do Estrangulador no jornal e pedi ao Jamie que me lesse a história sobre ele. Ele é Ministro dos Negócios Estrangeiros. Irónico, não é? Fiquei ali sentada a pensar sobre o que é que levava um homem naquela posição a fazer isto. Pensava que eram apenas os países pobres que alimentavam a corrupção e a fraude, mas agora acho que envenenou todo o mundo. Escondo a minha surpresa sobre este político pedindo ao Jamie para jogar um daqueles jogos de cartas que me ensinou. Jogamos *Rummy* e *Whist* na cama e é sempre muito gentil quando o venço.

De algum modo, no meio de tudo isto, ele ensinou-me a voltar a rir.

Falamos sobre muitas coisas, mas a única coisa que não lhe conto é como cheguei aqui e quem sou. De algum modo sinto uma ligação invisível a ele – uma proximidade que não consigo explicar. Anseio pelas suas visitas porque ele só quer companhia feminina. Para ser honesta, sinto-me algo empolgada quando o vejo. Ele não quer usar e abusar de mim como os outros e é o único homem, desde que me roubaram, que me trata como uma pessoa de verdade. Gostava de acreditar que já posso confiar nele, mas não tenho certeza, por isso não conto nada sobre ter sido traficada.

Dia 86

Quando namorávamos, o Stefan vinha visitar-me e com um ramo de flores selvagens para me oferecer. Rosas, amarelos e azuis iluminavam a minha janela despida e o cheiro era incrível. Arranjava-as bem numa caneca de lata e, sempre que passava por elas, cheirava-as e admirava sua beleza simples. Foi o primeiro presente que me deu e, depois disso, sempre que encontrava flores bonitas apanhava-as para me oferecer.

Hoje, quando o Jamie me trouxe um ramo de flores e, sem jeito, as ofereceu, chorei. Toda a dor, mágoa e raiva acumuladas explodiram de repente e, depois de começar, não consegui parar. Ele abraçou-me gentilmente, embalando-me como a minha mãe costumava fazer quando era criança, enquanto fazia shhh... shhh ...

Porque será que algo tão simples como uma flor despoletou tanta emoção em mim, sobretudo quando estava a tentar tanto manter tudo cá dentro? Só depois dei conta que não foram as flores. Foi o gesto.

Foi aí que soube que devia confiar no homem e, então, finalmente abri-me e contei-lhe tudo o que me tinha acontecido. Ele manteve-se em silêncio enquanto eu falava, mas percebi pela sua expressão que estava horrorizado.

Disse-me que pensava que eu participava de bom grado, que gostava de sexo – que tinha escolhido esta profissão. Ele pensava que eu estava a ganhar a maioria do dinheiro que a casa de massagens cobrava, que era £50 por meia hora, por isso talvez me sentisse aliciada pelo bom dinheiro. Pensava que eu fazia aquilo porque talvez tivesse um problema com drogas ou, por alguma razão, não conseguisse arranjar emprego. Pensava que detinha o controlo da minha vida.

Tinha tantas ideias falsas sobre mim e sobre como fui ali parar que, quando deu conta, estava a chorar juntamente comigo.

‘Tenho um amigo polícia’, disse-me ele antes do tempo terminar. ‘Vou falar com ele mal chegue a casa’.

‘Tens que ter muito cuidado com a forma como vais fazer as coisas’, supliquei-lhe. ‘Eles matam a minha filha se descobrirem que contei a alguém’.

Ele abraçou-me com força. ‘Não te preocupes, será discreto. Eu *vou* tirar-te daqui’.

E eu acreditei nele.

Dia 87

Finalmente tenho esperança e é como se alguém me tivesse injetado uma substância mágica nas veias que me enche de excitação. Estou a fervilhar de felicidade e mal posso esperar para ver o Jamie e descobrir quando é que a polícia me vai tirar daqui.

Penso nos polícias em Itália e espero que aqui não sejam iguais. Afasto esses pensamentos e espero que o Jamie chegue.

****

Hoje, quando o Jamie me veio visitar, estava estranho novamente. Disse-me que se sentia extremamente culpado por presumir coisas sobre mim, mas não me ralo com isso.

Peguei-lhe na mão e apressei-o a sentar-se na cama e contar-me tudo o que aconteceu com o seu amigo.

'Ele é sargento num dos Serviços de Investigação Criminal da Polícia Metropolitana. Contei-lhe tudo o que me contaste e ele vai falar do caso à Brigada de Clubes e Vícios. Ele acha que será apenas uma questão de dias até arranjarem um mandato de busca e fazerem uma rusga às instalações'.

Agarrei-me ao seu braço. 'Mas e a Liliana?'

Segurou nas minhas mãos com as dele, agarrando-as com força. 'Estas pessoas não vão saber que tiveste algo a ver com isto. O meu amigo disse que a polícia irá deter todas as raparigas quando chegarem. Então ficarás protegida e, depois, podemos pedir à Embaixada da Moldávia para procurar a Liliana e mantê-la em segurança'. Deu-me um sorriso tranquilizador.

Dia 88

As exigências do político eram as mesmas, mas sei que em breve isto vai acabar, por isso consigo aturá-lo, a ele e aos outros homens.

A minha principal preocupação é a Liliana. O Paul e os outros poderão, de algum modo, descobrir o meu envolvimento nisto e retaliar contra ela? Penso e repenso em todos os cenários, uma e outra vez.

Não creio que descubram, mas, se for presa, como chego até à Liliana? Rezo para que a Embaixada consiga indagar e descobrir se ela ainda está com a Natália na nossa aldeia. Sonho acordada com eles a levarem-na para um lugar seguro. Até ela estar em segurança, não posso falar a plena voz nem contar a verdade sobre o que me aconteceu.

Quando não estou a trabalhar ando de um lado para o outro à espera de notícias do Jamie.

*****

Quando ele chegou disse-me que se tinha informado na Embaixada e que estes não iriam procurar onde estava a Liliana até que ouvissem a história da minha boca e verificassem a sua veracidade. Preciso de ir até à Embaixada e contar-lhes tudo pessoalmente. Parece um absurdo. Podia ir lá se pudesse. Por mais que o Jamie os tentasse persuadir, nada lhes faria mudar de ideias. Até que uma queixa oficial lhes seja apresentada por um familiar da Liliana, ou se houver uma ordem do tribunal, não fazem nada, por isso tenho que esperar que a polícia me leve em segurança antes de falar com eles.

O nosso tempo junto era curto. O Jamie ficou apenas meia hora porque não quer estar cá quando a polícia chegar.

Dia 89

Não havia mandato de busca nem brigada de polícia. Apenas apareceram dois oficiais fardados às onze da manhã, quando todos os clientes já tinham saído.

O Paul estava cá quando a polícia chegou e estes alinharam todas as raparigas na área da receção. Explicaram que receberam uma queixa anónima a dizer que algumas das raparigas eram aqui mantidas contra a sua vontade e pediram-nos a todas que confirmássemos que estávamos aqui por vontade própria.

Queria morrer por dentro. Queria gritar, “SIM,” a plenos pulmões. Queria agarrar-me às pernas deles e suplicar-lhes que me levassem. Mas o Paul estava na mesma sala. O que poderia eu dizer?

O Paul estava roxo de raiva quando a polícia saiu e todas as raparigas foram pontapeadas e esmurradas. A mim não me bateu com força porque não quer que os homens do Clube dos Milionários façam demasiadas perguntas.

Mas eu sou a mais zangada e não tenho a satisfação de descarregar a minha fúria. Apenas consigo engoli-la e exasperar.

Basta de ser atriz presa num corpo de vítima.

Puxo o meu cabelo até arrancá-lo à mão cheia pela raiz. Mordo a parte de dentro das bochechas até sentir o gosto metálico do meu sangue. Roo as unhas até me doerem.

A polícia sabe que isto é um bordel, portanto porque não o fecha? Cá não é ilegal? Eles querem lá saber.

Sinto-me derrotada. Será que este tormento não tem fim?

Dia 97

A polícia ainda não fez nada. O Jamie já foi visitar o amigo inúmeras vezes, mas a resposta é sempre a mesma: Não podem fazer nada sem provas. O Jamie não lhes pode prestar quaisquer declarações sobre o que lhe contei até a Liliana estar a salvo, por isso não têm provas. Estou numa situação sem saída.

Dia 98

Quando era menina ficava tão empolgada antes do meu aniversário. Ansiava meses por ele e andava sempre a perguntar à minha mãe quantos dias faltavam para fazer mais um ano. Não eram só os presentes que eu antecipava com alegria – estes eram sempre pequenos e baratos. Não! O que mais ansiava era ser grande, porque quando fosse grande, o meu pai disse-me que podia fazer tudo o que quisesse e ir para onde me apetecesse. O mundo assim estava cheio de oportunidades. Com aquela idade queria ser bailarina ou veterinária.

Agora sou grande e anseio ser violada por milionários. É depravado e doente, não é? Anseio ver aqueles homens porque são mais limpos do que a maioria dos que vão à casa de massagens. É a única vez em que posso sair e cheirar o ar fresco. Posso ver o rio, as estrelas, as luzes cintilantes da cidade. Isto, de algum modo, dá-me esperança. Fora da casa de massagens há um mundo totalmente diferente e acho que, algures nesse mundo, há uma oportunidade para recuperar a minha vida.

Dia 99

Ontem à noite o político voltou a fazer os seus jogos depravados comigo.

E, enquanto me penetrava e me apertava a garganta com mais força que antes, um plano formou-se na minha cabeça e pensei em duas coisas antes de perder a consciência...

Comigo morta, ninguém consegue ajudar a Liliana.

Estou farta de esperar.

Dia 100

Preciso da ajuda do Jamie para levar a cabo o meu plano. Já que o Paul acredita que eu sou a escrava perfeita e obediente, nunca pensa em revistar-me antes da minha tortura com o político nas instalações do “Clube dos Milionários”.

Era fácil para o Jamie conseguir trazer-me uma pequena câmara de vídeo às escondidas quando me viesse visitar. Não faço ideia de como utilizar uma tecnologia tão moderna e complicada e, por um minuto, tive medo de não conseguir seguir em frente com isto. Mas o Jamie salvou-me, ensinando-me pacientemente a funcionar com os botões e tranquilizando-me constantemente. Durante três horas fiz vídeos dele e depois apagava-os – uma e outra vez, até conseguir operar a câmara de olhos fechados. Quando saiu, já me sentia mais confiante.

Por favor, faça com que isto dê certo!

Dia 101

O Paul não suspeitava de nada quando me deixou no apartamento. Não demorei muito a encontrar o esconderijo perfeito para a câmara de vídeo, numa prateleira em frente à cama.

Esta era a minha única oportunidade e a sua importância provocou-me borboletas no estômago. Queria vomitar, mas em vez disso bebi copos de água fria para acalmar o estômago até o político chegar.

Pela milionésima vez verifiquei o relógio digital junto à cama, esperando que os minutos agonizantemente lentos passassem até ele chegar.

Quando finalmente tocou à campainha, verifiquei novamente a posição da câmara e, com os dedos a tremer, coloquei-a para gravar.

Tive muito tempo para aperfeiçoar as minhas capacidades de representação, que agora serão postas à prova.

Nem me atrevi a ver o vídeo quando cheguei à casa de massagens. Em vez disso, escondi-o por baixo de uma placa solta no chão por baixo do tapete do meu quarto. Rezo para que tenha conseguido pôr a câmara a funcionar bem e que todas as coisas depravadas que ele me fez tenham ficado bem filmadas.

Dia 106

A roda da justiça gira rapidamente quando se tem o peso de uma chantagem por trás. Aconteceram tantas coisas que os pensamentos andam às voltas na minha cabeça, todos ao meso tempo. Vou tentar explicar do início.

Depois de o Jamie ter levado a câmara às escondidas da casa de massagens, o seu amigo polícia conseguiu arranjar uma reunião privada entre o Jamie e o político.

Pelo que entendi, o político utilizou os seus contactos para ordenar uma rusga à casa de massagens. Todos foram detidos e levados para a esquadra da polícia. Fiquei sozinha numa cela durante horas, antes de uma senhora da Embaixada Moldava chamada Katya me vir visitar.

No meio de um dilúvio de lágrimas, contei-lhe a minha história e que precisava que a Liliana estivesse segura antes de poder fazer uma declaração sobre o que me tinha acontecido. Tive medo que ela não acreditasse em mim. Para algumas pessoas, a história pareceria tão irreal que só poderia ser inventada. Mas ela acreditou em mim, sim! Também lhe vi lágrimas nos olhos enquanto tomava notas, me acalmava e tentava manter a sua própria compostura. Não mencionei o político, mas ela disse que a polícia tinha recebido ordens “muito altas” para me ajudar em tudo o que fosse possível.

A Katya disse-me que o Ministro dos Negócios Estrangeiros tinha ouvido falar da minha história e que estava a puxar os cordelinhos com o Departamento de Imigração Britânico e com o governo moldavo. Iriam começar imediatamente à procura da Liliana.

Também me disse que o Departamento de Imigração Britânico estava a emitir um visto temporário para mim. Se eu estivesse disposta a dar provas contra os traficantes, dar-me-iam um visto permanente para que pudesse ficar cá.

‘Não é nada usual’, disse a Katya, ‘que o Departamento dos Negócios Estrangeiros e da Imigração se deem a este trabalho. Nunca aconteceu nada semelhante’.

Limitei-me a acenar-lhe, como se não soubesse disto e depois fiz-lhe mais perguntas.

Estava na cela há vinte e quatro horas quando a Katya me veio ver novamente.

‘Encontrámos a Liliana’, disse-me ofegante, envolvendo-me num abraço enquanto um grito igual ao de um animal ferido me escapou dos lábios e caí no chão.

Quando recuperei o fôlego, disse-me que a Liliana não tinha estado a viver com a Natália. Que isso fora mentira do Violador e dos outros para me coagir. A Liliana tinha estado num orfanato do estado este tempo todo. A Katya disse-me que, já que eu não podia sair do país por enquanto e dadas as circunstâncias, o governo britânico estaria disposto a deixar que me trouxessem a Liliana e até lhe pagariam a viagem de avião.

Fiquei na esquadra por mais vinte e quatro horas para minha segurança. Disseram-me que o Paul ainda estava detido, mas que nenhuma das outras raparigas tinha falado sobre serem traficadas. Estavam dependentes das minhas declarações para o acusarem.

O enorme peso disto acumulou-se no meu peito e não conseguia respirar, mas um pensamento manteve-me forte. Estava determinada que ele e os outros nunca mais conseguissem fazer isto a mais ninguém.

Pela primeira vez, em 106 dias, era eu que mandava!

Autorizaram o Jamie a visitar-me e fui-me novamente abaixo. Toda a agressão, dor, lágrimas, fúria, degradação, vergonha...veio à superfície e explodiu. Tal como antes, abraçou e embalou-me, sem me pedir nada em troca.

É estranho, mas isso fez com que uma parte de mim sentisse amor por ele. Nunca pensei conseguir sentir alguma coisa por alguém novamente. Pensava que estaria emocionalmente morta, mas, ao longo deste tempo, construímos uma amizade que vai para além do explicável. Eu confio neste homem. Acredito que seja boa pessoa e parte de mim ama-o por não desistir de mim. Sem ele eu ainda estaria naquele lugar. Devo-lhe a minha vida.

E a ajuda do Jamie parece nunca terminar. Ofereceu-se para ir de avião até à Moldávia para trazer a Liliana consigo no avião, para que não se sentisse só e assustada. Sentou-se comigo enquanto lhe escrevi uma carta para ler na viagem para que saiba que vem ter comigo e que não se sinta assustada.

Há três dias que me mantêm sob custódia para minha proteção, mas não me importo. Continuava a ser uma cela, mas era meio-caminho andado para a liberdade.

Não me libertaram até a Liliana estar no avião para o Reino Unido. Só de pensar que ia vê-la de novo, deu-me um nó na garganta. A Katya tinha sido informada que as autoridades moldavas tinham acompanhado a Liliana e o Jamie ao avião e que este tinha partido a tempo.

Fui finalmente libertada sob escolta policial e, juntamente com a Katya, fomos até ao Aeroporto de Gatwick extremamente empolgadas.

Espreitava para a área das chegadas, à espera do mais ligeiro vislumbre da minha linda Liliana. De repente ela apareceu, com a pequena mão bem segura à do Jamie. Depois, veio a correr na minha direção.

Peguei na minha bebé e abracei-a com força. Apertei-a contra mim enquanto as lágrimas me desciam pelas faces e lhe caiam no cabelo. Enrolou as pernas em volta da minha cintura e pousou a cabeça no meu ombro.

‘Onde estiveste, Mamã?’ perguntou.

Estas palavras partiram-me o coração.

Dia 107

A minha nova casa fica num abrigo para mulheres vítimas de violência. Aqui existem muitas mulheres como eu. Eu sei! Consigo vê-lo nos seus olhos. Embora todas aqui sejam simpáticas, a maioria ainda acha cedo demais para contar como veio cá parar. Estamos todas na mesma situação: a ajustar as nossas vidas na esperança de conseguir curar-nos e ficarmos bem novamente.

As crianças adaptam-se rapidamente a tudo. Quem me dera também poder. A Liliana ainda não mencionou o orfanato e eu não quero pressioná-la a falar sobre isso, caso isso a faça sentir medo ou triste. Aperta o Ivan contra o peito e segue-me para todo o lado, falando constantemente como se tivesse sido privada de falar desde a última vez que a vi. Faz-me perguntas sobre este novo país...

‘Vou conhecer a Rainha?’. ‘Porque estamos aqui?’. ‘Quem são as outras senhoras aqui?’. ‘Porque te está a cair o cabelo?’

Ela parece feliz e satisfeita só por estar novamente comigo, mas fica triste quando falamos sobre a minha mãe.

Tenho saudades dela e a Liliana também. Quero visitar a campa dela e despedir-me como deve de ser, mas não posso ir lá. E se o Violador e os outros me encontram e me levam de volta? Não sei e alguma vez poderei voltar à Moldávia. Por isso, em vez disso, a minha mãe irá viver para sempre no meu coração e nas minhas memórias. Tal como o meu pai e o Stefan.

Embora o abrigo fique num local secreto, eu não saio sozinha. O Paul ainda está detido, mas preocupo-me que envie alguém para nos encontrar. É assim que a minha vida será a partir de agora. Estou livre, mas será que alguma vez irei viver como alguém realmente livre?

Não durmo bem. Os barulhos como o bater das portas dos carros ou os gritos lá fora a altas horas da noite assustam-me. Acordo com o coração aos saltos, ameaçando explodir-me no peito. A Liliana dorme nos meus braços, na pequena cama que dividimos. Não tenho muito, mas chega.

Estamos juntas e é isso que interessa.

Seis Meses Depois

Estou a viver um dia de cada vez, mas pelo menos *estou* a viver.

A Liliana e eu temos agora um visto britânico para ficar cá e eu vivo num pequeno T2 com segurança à entrada. Tem uma varanda com vista para um parque. Adoro ficar na segurança da varanda e ver o exterior. Aprecio a sensação do sol na cara enquanto dou tragos bem fundos de ar fresco. São estas pequenas coisas que aprendi a dar valor.

Ainda tenho medo, todos os dias. Sempre que saio, ando sempre a olhar por cima do ombro e, enquanto uma mão pega com força na da Liliana, a outra está a segurar firmemente uma lata de gás pimenta que trago no bolso. Tenho pesadelos todas as noites. Ainda estou a ser perseguida e há pessoas que querem matar-me. Quando acordo, demoro imenso tempo a voltar a adormecer, mesmo sentindo o toque tranquilizador da faca por baixo da minha almofada. Embora tenhamos dois quartos, a Liliana e eu dormimos juntas no mesmo, abraçadas, como eu costumava dormir com o Stefan. Não quero soltá-la. Ela tem um sono profundo o suficiente para não ouvir os meus pesadelos, mas queixa-se de que eu nunca a perco de vista.

Agora trabalho como voluntária. Trabalho com outras mulheres que foram traficadas e tento ajudá-las. Penso que também irá ajudar ao meu processo de cura. Lembro-me todos os dias das palavras do meu pai. Segreda-me ao ouvido que deveria fazer algo especial com a minha vida em Inglaterra. Penso que ficaria orgulhoso de mim.

Vejo o Jamie várias vezes por semana. Levamos a Liliana ao parque ou ao cinema, ou ficamos apenas sentados a conversar. A Liliana está apaixonada pelo Bigodes. O Jamie é o meu melhor amigo e eu prezo essa amizade. Talvez um dia se transforme em algo mais, mas agora não consigo pensar nisso. A pouco e pouco, segundo a segundo, estou a melhorar. Com o tempo, espero bem que as cicatrizes internas e externas desvaneçam, embora saiba que nunca irão desaparecer. Ofereceram-me acompanhamento psicológico, mas não quero falar sobre o que aconteceu com alguém que nunca poderá compreender como aquilo é. A melhor terapia para mim é tentar ajudar as outras.

Agora tenho fé no futuro e, para tal, tenho de agradecer ao Jamie e à Katya.

Ainda tenho uma cópia do vídeo, que é a minha segurança neste novo mundo onde vivo.

O julgamento começará em breve. Os advogados disseram-me que o Paul será preso e que a polícia italiana e moldava estava a trabalhar em conjunto com a britânica para acusar o Violador, a Natália, o Andrei, a Angelina e o resto do gangue. Mas e todos os outros traficantes espalhados pelo mundo?

Sou uma das poucas sortudas que conseguiu escapar. Existem milhares por aí que não conseguiram.

Instituições que lidam com tráfico humano:
http://www.sophiehayesfoundation.org/
http://www.stopthetraffik.org/language.aspx
http://www.acf.hhs.gov/trafficking/
http://www.humantrafficking.org/
http://www.eaves4women.co.uk/POPPY_Project/POPPY_Project.php
http://www.gems-girls.org/about
http://www.endhumantraffickingnow.com/

Nota da Autora:

Há cerca de cinco anos assisti a uma minissérie sobre raparigas da Europa de Leste que tinham sido traficadas. Isto assombrou-me durante muito tempo e, gradualmente, foi desvanecendo da minha mente e consegui seguir com a minha vida. Depois, há pouco tempo, estava no consultório do médico à espera de ser atendida e peguei numa revista. Lá dentro vinha a história de uma mulher que tinha sido traficada. Um arrepio percorreu-me o corpo e dei conta que, nesses cinco anos, nunca tinha ouvido nada sobre o assunto na comunicação social.

Deu-me que pensar e comecei a procurar histórias *online* sobre outras vítimas. Eram horríveis, de cortar o coração, agonizantes e eu sabia que este era um assunto que, apesar de ser um problema tão global, muitas pessoas não sabem o que se passa. Queria mesmo fazer algo para aumentar a consciencialização para o assunto e assim nasceu o livro Traficada: Diário de uma Escrava Sexual.

Embora esta história seja ficção, é inspirada nas histórias destas vítimas e representa uma realidade global muito triste. Em 2007, o Departamento de Estado Norte-Americano realizou um relatório de Tráfico de Pessoas. As estatísticas chocaram-me até ao meu mais profundo ser: 700.000 – 800.000 homens, mulheres e crianças são traficadas pelas fronteiras internacionais todos os anos, cerca de 80% dos quais são mulheres e raparigas e quase 50% são menores. Estes números serão muito mais elevados quatro anos depois.

E um dos factos verdadeiramente mais assustadores é que a maioria das pessoas pensa que só afeta países do terceiro mundo, mas está a passar-se mesmo debaixo do nosso nariz. O Departamento de Estado Norte-Americano calculou que 14.500 a 17.500 estrangeiros sejam traficados para dentro dos Estados Unidos todos os anos.

Eu queria que o livro Traficada fosse realista, dilacerante e emotivo. E também queria que fizesse com que as pessoas parassem e pensassem sobre este assunto. Escolhi escrevê-lo em forma de diário para que o leitor sentisse realmente cada emoção – o medo, os espancamentos, o terror, o desespero, a esperança e a fé. Queria que vocês vivessem esta experiência pelos olhos de todas as Elenas que existem por aí.

Sobre a Autora

Sibel Hodge é uma Escritora Premiada de Sucesso Internacional.
A sua obra foi pré-selecionada para o Prémio Harry Bowling 2008, Laureada com o Prémio Yeovil de Literatura 2009, Finalista no Concurso Literário da Chapter One Promotions 2009, nomeado Melhor Romance em 2010 pela The Romance Reviews, e Vencedora do Melhor Livro para Crianças pelo eFestival of Words 2013. O seu romance curto *Traficada: Diário de uma Escrava Sexual* foi considerado um dos Melhores 40 Livros Sobre Direitos Humanos pelas Universidades Online Acreditadas.
Para mais informações, visite http://www.sibelhodge.com/

Outras obras da autora

Ficção:

Butterfly
The See-Through Leopard
Fashion, Lies, and Murder (Amber Fox Mystery No 1)
Money, Lies, and Murder (Amber Fox Mystery No 2)
Voodoo, Lies, and Murder (Amber Fox Mystery No 3)
Chocolate, Lies, and Murder (Amber Fox Mystery No 4)
Fourteen Days Later
My Perfect Wedding
The Baby Trap
How to Dump Your Boyfriend in the Men's Room (and other short stories)
It's a Catastrophe

Não-Ficção:

A Gluten Free Taste of Turkey
A Gluten Free Soup Opera
Healing Meditations for Surviving Grief and Loss